

Um olhar foucaultiano sobre a produção da loucura e da família*

Cristine Gorski Severo[†]

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Este artigo analisa o mecanismo de produção de um discurso/saber sobre a loucura e a família, mediante o procedimento de escuta, a confissão, conforme descrito por Foucault. Levanta a hipótese de que a configuração de um saber sobre a loucura, no campo de saber psicanalítico, também produz uma certa família, e tal produção ocorre por um procedimento de poder, produtor de saber, que Foucault chama de confissão. Considera os seguintes pontos: a) a des-

Abstract

The aim of this paper is to analyze the mechanism of production of a certain discourse/knowledge about madness and family by means of a listening procedure (confession), such as it is described by Foucault. The hypothesis raised is that the production of knowledge about madness, in the field of psychoanalysis, creates also a certain family, and that such a creation is possible by means of a procedure of power that produces knowledge, which Foucault calls con-

* A foucaultian perspective about the production of madness and family

[†] Endereço para correspondências: Rua Giovanni Luis Piucco 109, Barra da Lagoa, Florianópolis, SC, CEP 88061-220 (E-mail: crisgorski2@hotmail.com).

criação de Foucault sobre o funcionamento do poder e a sua relação com o saber; b) a análise do processo de produção do saber – a psicanálise –, por meio de determinado procedimento – a confissão; c) as reflexões sobre a maneira pela qual “loucura” e “família” são produzidas pelo procedimento da confissão; e d) o caráter genealógico da análise discursiva foucaultiana.

The following topics are here considered: (a) a description of power and its connection with knowledge; (b) an analysis of the process of knowledge production - psychoanalysis - by means of confession; (c) some reflections about the way madness and family are produced by the confession procedure, and (d) the genealogical aspect of Foucaultian analysis of discourse.

Palavras-Chave: Loucura, família, confissão.

Keywords: Madness, family, confession.

Introdução

A proposta deste artigo é analisar, a partir de uma perspectiva foucaultiana, a produção de uma certa loucura, mediante o procedimento da confissão. Para tanto, considera-se o discurso psicanalítico sobre a loucura e a maneira pela qual esse discurso, ao tratar da loucura, produz uma certa família: loucura e família são produzidas uma em relação à outra. Ao longo do texto, também se procura evidenciar as contribuições de Michel Foucault para uma análise discursiva.

Vale ressaltar que a loucura é tomada como objeto de saber e que se vincula a uma certa noção de família. Tal objeto é produzido por meio do procedimento da confissão, que, para Foucault, caracteriza o saber psicanalítico. Trata-se, portanto, de analisar a produção da loucura e da família mediante a confissão, procedimento de escuta próprio do campo psicanalítico. Sobre tal procedimento, observa-se que, desde o século XVI, as práticas confessionais “distanciaram-se de um contexto puramente religioso e difundiram-se penetrando em outros domínios: primeiro, na pedagogia; depois, nas prisões e outras instituições de internamento e, mais tarde, no século XIX, na medicina” (RABINOW e DREYFUS, 1995, p.193), como procedimentos produtores de saber.

Não é objetivo deste trabalho encontrar uma verdade sobre a loucura e a família, com a ferramenta arqueológica² oferecida por Foucault, nem tampouco desvelar a origem da loucura. Trata-se, sim, de olhar para o discurso psicanalítico à luz do que Foucault chama de condições de surgimento de determinado saber, com a inclusão de uma perspectiva genealógica³, e de refletir sobre as condições que possibilitaram o discurso sobre a loucura no saber psicanalítico, a partir do final do século XIX. Também não se busca uma origem para o saber psicanalítico, nem um sujeito fundador de certo conhecimento. Busca-se mostrar a maneira pela qual é possível falar sobre a produção da loucura como objeto de saber psicanalítico, em determinada época, mediante o procedimento da confissão. Não é por acaso que um certo saber sobre a loucura e a família foi possível: Freud fundou a psicanálise, porque as condições daquele momento possibilitaram que um saber acerca do inconsciente e do desejo fosse produzido; e a Lacan foi possível falar sobre psicose, porque Freud criou condições para tal saber. A análise feita neste artigo leva em conta abordagens de Freud e de Lacan sobre a loucura, uma vez que ambas se organizam a partir do procedimento de escuta.

A análise do discurso foucaultiano proposta neste artigo rompe com a idéia de verdades escondidas por alguma ideologia, que teriam o papel de encobrir o real. Para Foucault, até mesmo o real é uma produção, que se dá por meio de um certo procedimento que cria condições para construir uma certa verdade sobre aquilo que é o objeto do saber/controlar, no caso deste trabalho, a loucura-família no discurso psicanalítico.

Nessa perspectiva, não se trata de “buscar” nem uma verdade sobre o sujeito ou sobre o objeto que se recorta, nem o “melhor” procedimento que permitiria uma descoberta mais verdadeira do objeto,

² A arqueologia visa a “definir [...] os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras [...]; [definir] os discursos em sua especificidade; mostrar em que sentido o jogo das regras que utilizam é irreduzível a qualquer outro” e, sobretudo, ela “não é o retorno ao próprio segredo da origem; é a descrição sistemática de um discurso-objeto” (FOUCAULT, 2000, p.159-160).

³ Para Foucault, “a tarefa do genealogista é destruir a primazia das origens, das verdades imutáveis. Ele tenta derrubar as doutrinas do desenvolvimento e do progresso. Uma vez destruídas as significações ideais e as verdades originais, ele se volta para o jogo das vontades. Sujeição, dominação e luta são encontrados em toda a parte. Onde se fala de significado e valor, virtude e divindades, Foucault procura estratégias de dominação” (RABINOW e DREYFUS, 1995, p.121).

visto que aquele é constitutivo deste. Antes, objetiva-se encontrar as condições que tornaram possível configurar um certo saber sobre determinado objeto, mediante determinados procedimentos que recortam e localizam o objeto, de acordo com as especificidades desses mesmos procedimentos. Vale lembrar que o saber é sempre configurado/produzido por meio das relações de poder, ou seja, a *genealogia* dos saberes exige um olhar político, que evidencie as relações de poder que fazem com que certas coisas tidas como verdadeiras sejam ditas sobre algo tomado/produzido como objeto do saber.

Sobre a produção dos objetos, vale ressaltar, brevemente, algumas considerações (FOUCAULT, 2000):

- Os objetos não existem por si, nem tampouco são descobertos em algum momento. Eles são constituídos devido a determinadas condições e relações que os possibilitam ser postos/constituídos em discurso, em determinada época.

- Essas relações não são inerentes aos objetos e dão-se entre “instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização” (p.51).

- As relações que possibilitam o surgimento dos objetos são discursivas. Essas relações não operam fazendo relações entre palavras, frases, mas sim impondo determinadas formas ao discurso. Elas são tudo aquilo que faz com que determinado discurso (e não outro) seja possível, em determinado momento: “essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática” (Ibid., p.53). Aborda-se, aqui, o conjunto de regras que possibilitam a existência de certa prática discursiva, sendo que tais regras são interiores ao discurso, ao pretenderem o discurso e não outra coisa, e são exteriores, ao servirem de condição de possibilidade para o discurso.

Resumindo, segundo Foucault, o objetivo de uma análise sobre a formação dos objetos não é fazer uma análise semântica, nem descobrir uma origem ou uma verdade dos objetos, mas relacioná-los “ao conjunto de regras que permitem formá-los como objetos de um discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico” (Ibid., p.55). Trata-se, portanto, de definir as regras de o que é dizível e não-dizível sobre algo, em determinado momento. No caso deste artigo, trata-se de tomar a loucura como objeto do saber.

Seguem-se algumas considerações acerca da noção de poder, cujo funcionamento Foucault brilhantemente descreve, no que diz respeito à produção de saberes e de subjetividades, e toma-se o que o autor chama de prática da confissão como procedimento que permite configurar/produzir os discursos sobre a família e a loucura, no campo psicanalítico.

O poder e a confissão

Para refletir sobre a confissão como procedimento (de escuta) para produção do saber psicanalítico, é necessária uma breve explanação daquilo que faz esse procedimento funcionar efetivamente: o poder.

Sobre o poder

Foucault considera dois tipos de poder presentes na sociedade: um que opera negativamente – poder lei –, e outro que opera positivamente – poder prazer. O primeiro opera de cinco maneiras: a) pela censura e pelo mascaramento; b) pela norma que produz os limites, por exemplo, do normal e anormal; c) pela proibição e pelo castigo; d) pela censura do discurso e pelo silenciamento; e e) segundo o modelo jurídico, permeando todas as instituições da sociedade.

Foucault, no entanto, não centra o funcionamento do poder apenas nas características acima. Ao contrário, o autor salienta outro tipo de funcionamento que produz coisas, como os saberes e as subjetividades. Essa segunda forma do poder caracteriza-se por: a) relações de poder apoiadas em saberes que as justifiquem; b) processo dinâmico de circulação do poder, que não se cristaliza em nenhuma posição; c) relação mútua entre as esferas micro e macro, sendo que uma não causa a outra, mas ambas se articulam mutuamente; e d) apoio mútuo dos discursos, não havendo, por exemplo, discurso cuja resistência não seja constitutiva dele mesmo.

Em outras palavras, o poder não opera apenas reprimindo, censurando, negando, mas sim, e sobretudo, produzindo subjetividades, discursos, verdades. O poder não se impõe de cima para baixo, mas opera microfisicamente e espalha-se por todas as relações que permeiam a sociedade. O poder produz a sociedade.

A confissão como procedimento para produção do saber psicanalítico

Conforme se enfatizou, os saberes são produzidos por procedimentos de poder que, no caso da psicanálise, caracterizam-se pela prática da confissão. Foucault, em *História da Sexualidade* (1999), surpreende com sua “hipótese repressiva”, de que, muito longe de reprimir, censurar, silenciar o sexo, o que o Ocidente fez, nesses três últimos séculos, foi justamente o oposto: conceder ao sexo uma autonomia discursiva, por meio de uma

[...] multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (Idem, p.22).

Apesar disso, é ingenuidade acreditar em certa liberdade sexual ou liberdade de expressão. Certamente, todo esse falatório sexual, antes de libertar, engana, ao produzir um saber sobre o sexo que fala da maneira (correta) pela qual o sujeito (normal) deve ser constituído pelo seu desejo. A regra é: diga-me seus desejos, do seu sexo, que lhe direi quem você é. Entretanto, esse enunciado, ao se configurar em campos diferentes – cristianismo e psicanálise –, produz diferentes sujeitos em diferentes lugares de enunciação. Considerando-se que a prática da confissão é um procedimento característico do cristianismo, pode-se indagar: Qual é a relação entre a confissão e a prática psicanalítica? ou ainda: De que maneira essa prática de escuta passou a constituir um outro saber, que é a psicanálise?

Respondendo brevemente a essas questões, remete-se aos trabalhos de Freud e de Charcot com as histéricas, no final do século XIX, que se caracterizam por um interesse sobre o discurso em torno do sexo. O discurso científico sobre o sexo, nesse período, caracterizou-se por um jogo de verdade que teve seu auge com Charcot⁴ e com seus trabalhos de hipnose na Salpêtrière. Segundo Foucault (1999, p.56),

⁴ Charcot era psiquiatra e foi professor de Freud.

“o importante nessa história [...] é, primeiro, que tenha sido construído em torno do sexo, e a propósito dele, um imenso aparelho para produzir a verdade, mesmo que para mascará-la no último momento [...]”.

Quanto à prática de escuta com que Freud começou a operar no trabalho sobre a histeria e, principalmente, sobre o sexo,

[...] deve-se [...] considerar não o limiar de uma nova racionalidade, que a descoberta de Freud ou de outro tenha marcado, mas a formação progressiva [...] desse jogo de verdade e do sexo, que o século XIX nos legou. E assim a confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder (FOUCAULT, 1999, p.56-58).

Uma nova questão então se coloca: De que maneira se opera uma ruptura entre o procedimento da confissão no cristianismo e na psicanálise? Pode-se dizer que a descontinuidade encontra-se nos objetos e sujeitos que são constituídos mediante a produção de saberes diferentes sobre o pecado e o desejo, a partir da técnica da confissão.

Como especificidade do saber cristão sobre o sexo, o que se produz é, antes de tudo, uma verdade sobre o pecado. É por ser pecado que o sexo é incitado a ser falado, ouvido, detalhado. Os saberes sobre o sexo e o desejo configuram-se em determinado espaço (o confessionário) e via determinadas regras que constituem o sujeito do discurso como sendo sujeito pecador, ao determinarem a maneira pela qual aquele que se confessa deve falar do seu sexo e de seus desejos. Já, na psicanálise, o procedimento de diagnóstico sobrepõe-se ao procedimento de cura e ambos se definem pela confissão: à medida que o analisando fala sobre seus desejos, uma verdade sobre ele, por meio de escuta psicanalítica, configura-se e produz efeito de cura. Diferentemente da prática cristã, na psicanálise, o objeto configura-se a partir da interpretação, que “é realizada ao nível da linguagem [...] o que se oferece à interpretação são enunciados, e estes devem ser substituídos por outros enunciados, mais primitivos e ocultos, que seriam a expressão do desejo do paciente” (GARCIA-ROZA, 2000, p.64).

Essa prática, ao produzir um saber sobre o desejo, constitui também um sujeito, que é o sujeito do desejo: o sujeito do inconsciente.

O acesso ao inconsciente dá-se pela linguagem, que, para Freud (apud GARCIA-ROZA, 2000, p.66), “longe de ser o lugar transparente da verdade, é o lugar do ocultamento. O sentido que se apreende oculta um outro sentido mais importante, e essa importância será tanto maior quanto maior for a articulação entre a linguagem e o desejo”.

Psicanálise: loucura e família

A loucura e a família constituídas pelo saber psicanalítico são possíveis pelo procedimento de escuta, a confissão, uma vez que “a investigação psicanalítica da paranóia seria completamente impossível se os próprios pacientes não possuísssem a peculiaridade de revelar (de forma distorcida, é verdade) exatamente aquelas coisas que outros neuróticos mantêm escondidas como um segredo” (FREUD, 1969, p.23).

Ao se abordar o saber psicanalítico acerca da loucura e da família, o foco recai na forma pela qual o procedimento de escuta utilizado pelo saber permite configurar loucura e família, como vinculadas uma a outra. Para demonstrar tal vínculo, serão expostos, brevemente, tanto os escritos de Freud sobre a paranóia como algumas considerações lacanianas sobre a psicose. Ambas as perspectivas são complementares, uma vez que, segundo Leite (sem data, p.06),

[...] o texto freudiano sobre Schreber vai discutir, especialmente, a questão do complexo paterno na problemática da paranóia, questões, estas, que ganharam um relevo especial a partir, principalmente, dos trabalhos de Lacan, com a introdução do significante Nome-do-pai e sua forclusão, além de outras contribuições.

A família moderna e a família psicanalítica

Antes de tratar da família do discurso psicanalítico, considera-se a descrição de Foucault (2002) sobre o nascimento da família moderna, na qual o filósofo atribui à prática da confissão um lugar primordial, uma vez que, por meio dela, a medicina adentra a esfera familiar, constituindo-a, iniciando por uma vontade de saber sobre o sexo.

Segundo Foucault, a família moderna constituiu-se a partir do final do século XIX, época que se caracterizou, na área dos discursos preventivos, por uma explosão discursiva sobre o sexo, especialmente sobre a masturbação.

Como essa prática era tida, pelo discurso médico, como causa de muitas doenças, postulava-se que os pais deveriam vigiar seus filhos, para que estes não se masturbassem. A colocação da masturbação, e portanto do sexo, como central no discurso médico possibilitou duas situações: aproximação dos pais em relação aos filhos e entrada na família do médico, que estaria preste a escutar a “confissão” do doente e da família sobre a masturbação. Dessa maneira, tem-se que a campanha anti-masturbatória do final do século XIX esboçou

[...] uma nova relação pais-filhos, mais amplamente, uma nova economia das relações intrafamiliares: consolidação das relações pai-mãe-filhos [...], aparecimento do princípio de saúde como lei fundamental dos vínculos familiares, distribuição da célula familiar em torno do corpo – e do corpo sexual – da criança, organização de um vínculo físico imediato, de um corpo-a-corpo pais-filhos em que se ligam de forma complexa o desejo e o poder [...] (FOUCAULT, 2002, p.418).

A partir disso, cabe perguntar: Qual é a relação entre a família moderna e a família produzida pelo saber psicanalítico? Em ambas, a família é configurada mediante o procedimento de escuta, a confissão. Um saber sobre a família e um saber sobre a loucura são apenas possíveis pela linguagem tomada como procedimento para produção de conhecimento para diagnóstico e para cura. Dessa forma, a família moderna e a psicanalítica são possíveis, porque os olhos clínicos foram substituídos pela escuta clínica.

Todavia, a família constituída pelo saber da psicanálise diferencia-se da família moderno-burguesa, num aspecto específico da preocupação com a sexualidade infantil: para a primeira, a família é causa da loucura, não porque impõe regras severas aos filhos ou porque impede as paixões deles, mas sim porque existe um desejo da mãe pelo filho⁵.

⁵ Na família moderna, essa relação causal também existe, mas de outra maneira: a loucura pode ser causada pela masturbação (cf. FOUCAULT 2002, p.303) e esta pode ser evitada mediante a presença vigilante dos pais. A falta dos pais não é a causa da masturbação, mas a presença deles (do olhar vigilante) pode evitá-la. De quem é a culpa, então? Segundo a descrição de Foucault sobre a família moderna, a responsabilidade é de todos aqueles que estão entre os pais e os filhos: as babás, a criadagem, a governanta, ou seja, trata-se de um “desejo dos adultos pelas crianças, eis a origem da masturbação” (2002, p.309). Contudo, vale lembrar que não se trata de um desejo dos pais, sobretudo da mãe, pelo filho (como na psicanálise), mas de todos os outros envolvidos na educação das crianças.

Assim, a peça chave que possibilita configurar, na psicanálise, a família como sustentação material constitutiva da loucura como doença é o desejo dos pais pelos filhos e vice-versa. Foi, então, ao produzir o desejo (uma verdade sobre o desejo), que a psicanálise pôde relacionar família e loucura. É pelo desejo da mãe pelo filho que a família é produzida como sede e lugar da loucura. De que maneira se dá isso? De que maneira um saber sobre o desejo é produzido? A resposta está no procedimento (médico/clínico) utilizado no processo de medicalização da família moderna, no século XIX: a confissão.

Loucura e família

É possível perceber certa relação entre loucura e família, na descrição que Freud faz do caso de paranóia de Schreber, cujo delírio se baseava em sua transformação em mulher e em uma relação de favorecimento com Deus. Freud inicialmente levanta a hipótese de que o sentimento homossexual de Schreber estaria voltado para seu médico, Flechsig. Posteriormente, o psicanalista defende a idéia de uma transferência de alguém amado por Schreber para o médico: “o paciente lembrou-se de seu irmão ou de seu pai ante a figura do médico” (FREUD, 1969, p.66). A relação de amor e ódio do paciente com seu médico refletia a relação conflituosa de Schreber com o seu pai e “os pormenores deste conflito (sobre o qual nada sabemos) foram o que determinou o conteúdo de seus delírios” (Ibid., p.76).

O psicanalista defende a idéia de que Deus teria, inicialmente, ocupado o lugar do médico, no delírio do paciente. Posteriormente, Freud associa o sentimento de Schreber por Flechsig ao que o primeiro sentia em relação a seu irmão. Deus, nesse caso, representaria o seu pai, médico renomado, de grande influência em sua área e cujas profissão e atuação estariam relacionadas com as descrições que o paciente fizera de Deus. Assim, na fala de Freud, “um pai como este de maneira alguma seria inadequado para a transfiguração em Deus na lembrança afetiva do filho de quem tão cedo havia sido separado pela morte” (Id., p.71). Evidencia-se, assim, a ligação que Freud faz entre o delírio de Schreber e a sua relação com a família (pai e irmão).

Similarmente, em uma interpretação lacaniana de psicose, percebe-se o lugar da família e o papel da lei na constituição de um sujeito normal, conforme se expõe a seguir.

Na família recai a possibilidade da loucura, pela não-inscrição da lei. Por isso, a família torna-se o grande alvo da ciência médica, que entra na casa, não mais para vigiar o comportamento dos filhos e dos pais em relação ao perigo eminente da masturbação infantil (conforme descrito acima), mas para, sobretudo, ouvir/produzir algo: uma verdade acerca do desejo da mãe, do desejo do filho e, por fim, do incesto, que possibilitará produzir uma verdade sobre a família e a loucura. Daí, vale lembrar o exemplo apresentado relativo a Charcot, Freud e a histeria: o conteúdo sexual “visto” (produzido) por Charcot, pela hipnose, passará a ser “ouvido” (produzido) por Freud, via confissão.

A família torna-se alvo de interesse médico-jurídico, justamente por ela se configurar como “o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo⁶ da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança” (FOUCAULT, 1999, p.103).

Porque a lei está presente na família, esta também se torna a base da loucura do filho. Sua doença é perigosa, porque nela falta a lei primeira, que é a lei do pai. O filho-louco é aquele que mostra os desejos mais ilegais da família. Se o louco é tido como transgressor, é porque pertence a uma família perturbada, a uma mãe que o deseja e que não impõe a lei, a proibição.

Assim, é “a mãe que responde e que impede a psicose⁷, transmitindo um significante que designa um lugar, uma posição terceira, entre a mãe e a criança; a transmissão, para o inconsciente da criança,

⁶ O dispositivo trata de um conjunto “heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” e possui “uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1999a, p.244). Em relação à sexualidade, o dispositivo torna pertinentes “as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênue ou imperceptíveis que sejam [...] o dispositivo da sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal – corpo que produz e consome” (FOUCAULT, 1999, p.101).

⁷ Segundo Roudinesco, “a psicose foi um termo introduzido em 1845 pelo psiquiatra austríaco Ernest von Feuchtersleben (1806-1949) para substituir o vocabulário loucura e definir os doentes da alma numa perspectiva psiquiátrica [...] Retomado por Sigmund Freud como um conceito a partir de 1894, o termo foi primeiramente empregado para designar a reconstrução inconsciente, por parte do sujeito, de uma realidade delirante ou alucinatória. Em seguida, inscreveu-se no interior de uma estrutura tripartite, na qual se diferencia da neurose, por um lado, e da perversão, de outro” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.621).

deste lugar é o significante do Nome-do-Pai” (JULIEN, 1999, p.34), que dá sentido ao desejo da mãe⁸. Assim a mãe⁹ é posta no lugar central da psicose, pois é ela quem funda o pai, a lei do pai¹⁰, a impossibilidade da transgressão, colocando a criança em segundo plano, porque seu desejo de mulher se volta a outra pessoa¹¹. Isso gera um lugar¹², em primeiro plano, para que a figura masculina, o pai real, mais tarde, possa ocupar e ajudar a criança (não-psicótica) a elaborar o luto do pai ideal (pai idealizado pelo/a filho/a) e a manter a repressão ao ter o seu desejo voltado, em primeiro lugar, para outra pessoa (como homem desejante – não pai), que não é o/a filho/a. Isso introduz a diferença entre as gerações, que é a “função do interdito do incesto” (JULIEN, 1999, p.40). Se a criança ocupa esse lugar primeiro do desejo da mãe, não há para seu inconsciente a inscrição da lei, que é a lei do pai, nem tampouco a certeza do pai. Nessa angústia, a loucura insere-se: “O pequeno Hans tem uma mãe maravilhosa; mas é a angústia. É a angústia no lugar da proximidade entre a mãe e a criança, quando não há uma dimensão terceira, triangular” (Ibid, p.36). Assim, a criança ocupa o lugar do desejo da mãe. Ela, metaforicamente, torna-se o falo e não apenas deseja sê-lo: aí está sua psicose.

Desse modo, a loucura surge primeiro por a mãe ser uma mãe desejante e não mulher desejante, ao tornar o/a filho/a alvo primeiro de seu desejo, e depois pelo pai que torna o/a filho/a alvo primeiro de seu desejo. Assim, a psicanálise mostra que “a conjugalidade funda a parentalidade” (Ibid., p.40), e não o inverso.

⁸ A metáfora paterna tem “uma função estruturante, na medida em que é fundadora do sujeito psíquico como tal. Assim também, se alguma coisa fracassa no recalque imaginário, a metáfora paterna não advém” (DOR, 1992, p.96). Dessa maneira, a forclusão do Nome-do-Pai no Outro constitui “a ausência que dá à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa das neuroses” (LACAN, apud DOR, 1992, p.98), comprometendo gravemente “para a criança o acesso ao simbólico, barrando-lhe mesmo essa possibilidade.

⁹ Vale lembrar que, em psicanálise, tratam-se de posições de mãe, pai, filho, ocupadas por sujeitos do desejo. Além disso, em Foucault também, tem-se as posições de sujeitos que são constituídas mediante relações de poder.

¹⁰ A lei do pai “enquanto imaginariamente concebida pelo sujeito como privando a mãe” (LACAN, apud DOR, 1992, p.86).

¹¹ A mãe reconhece a lei do pai como “o que mediatiza o desejo que ela tem de um objeto que não é mais a criança, mas que o pai é suposto ter ou não ter” (DOR, 1992, p.86).

¹² Definitivamente, não se trata de considerar sujeitos como, por exemplo, mãe ou pai, mas sim posições de sujeitos, lugares que diferentes indivíduos podem ocupar e se constituírem como determinados sujeitos (mãe, pai, filho). Assim, para Foucault (2000), “as posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos” (p.59), sendo que “um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (p.107).

Se a loucura pode relacionar-se com o delírio, é porque na sua origem está a ausência da lei, ou do significante Nome-do-pai, pelo motivo de a mãe, sobretudo, desejar seu filho. Talvez então se possa dizer que, na base da constituição da psicose, que ocorre por uma “falha parental”, está a “falha conjugal”: É porque a mãe e o pai não são, em primeira instância, mulher e homem, desejantes um do outro¹³, que o filho se torna um “transgressor”. No entanto, antes de o dispositivo de aliança ser colocado em questão, é o dispositivo de sexualidade que emerge, pois considera “as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões” (FOUCAULT, 1999, p.102) inscritas no eixo homem-mulher, independentemente do vínculo oficial entre os parceiros. Apenas em segundo plano, o eixo pais-filhos torna-se presente, pois é ao ter o desejo inscrito no primeiro eixo que o segundo se torna possível, em termos de normalidade. A falha no primeiro acarreta a falha no segundo, que é da ordem da loucura, da não presença da lei.

Dessa forma, a lei e a normalidade são inscritas por meio de homens e mulheres desejantes, primeiramente uns dos outros, e não de seus filhos. Então, o dispositivo de aliança, que se “estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito” (FOUCAULT, 1999, p.101) responsável pela “fixação e desenvolvimento dos parentescos” (p.100) só se torna “saudável” (eficiente socialmente, economicamente) quando composto pelo par, reciprocamente desejante, homem e mulher, marido e esposa. Se a lei jurídica visa ao “*status* definido” entre os parceiros e a economia vê no dispositivo de aliança um papel na “transmissão e circulação de riquezas” (p.101), é porque há corpos desejantes uns dos outros, constituídos assim por uma outra lei, que não é a jurídica, é a lei do pai que possibilitará a lei contra o incesto: “com a psicanálise, é a sexualidade que dá corpo e vida às regras da aliança, saturando-as de desejo” (p.107).

A lei contra o incesto encontra-se na base do dispositivo de aliança e de sexualidade (FOUCAULT, 1999), garantindo a existência desse dispositivo. Na loucura, justamente essa lei estará ausente: o filho preenche o desejo da mãe e ela, do filho – um desejo que, na sua origem, é sexual. A lei não se tornou presente ainda, por isso, a loucura. Nesse sentido, o louco torna-se um delirante, por não ter sido inscrito na ordem primeira da proibição: o não-do-Pai. Assim, a família moderna torna-se a base da doença: nascem o transgressor e o louco.

¹³ Não necessariamente que a mãe e o pai relacionem-se entre si, mas que haja um outro em primeiro lugar, que não seja o filho, no desejo da mãe e do pai.

Entretanto, tal nascimento só se tornou possível após o século XIX, quando o médico se pôs a ouvir os segredos, desejos, delírios daquele que, posteriormente, batizou de psicótico. Essa prática da confissão utilizada como tática de poder possibilitou, ao mesmo tempo, a produção da loucura e da família, via um saber que constitui o louco (psicótico) como alguém em quem o Nome-do-Pai (a lei) estaria ausente. Todavia, a própria medicina tentou inscrever a lei – surgiu o tratamento (psicofarmacologia, eletrochoque etc.) –; e a cura se daria pela presença do limite: enfim, um bom funcionamento social se tornaria possível pelo tratamento médico. O louco então poderia voltar para o convívio com a família: se a mãe não pôs a lei, a ciência o fez.

Conclusão

Neste artigo, apresentou-se uma análise foucaultiana da produção da loucura e da família pelo procedimento da confissão, característico do saber psicanalítico. Sob essa ótica, deve-se manter claro que a psicanálise não desvendou a verdade da loucura, mas a produziu – em certo contexto histórico – mediante uma técnica, que é a confissão, a qual se caracteriza pela escuta da fala do “paciente”, de forma a possibilitar a produção de um saber sobre o indivíduo. A escuta do psicanalista opera segundo um saber que configura o campo: o saber sobre o inconsciente. Nessa esfera, o sexo é ouvido, não como pecado, mas como constitutivo do discurso sobre o desejo.

A técnica psicanalítica adotada por Freud somente foi possível no final do século XIX, quando houve uma explosão discursiva a respeito da masturbação tomada como doença e como causa de muitas doenças. Assim, a medicina apropriou-se da família (e a produz), por meio de um discurso sobre a verdade do sexo, ou seja, colocando o sexo no centro dos discursos médicos, a medicina apropriou-se da família moderna e a produz.

Diferentemente da família moderna, a família configurada pela psicanálise associa-se, em certa medida, à loucura. Esta, como objeto de saber; tanto no caso de Shreber quanto nas considerações lacanianas sobre psicose, produz uma certa família. Essa produção é possível pelo procedimento de escuta, que é a confissão. Tal procedimento não é isento de relações de poder, uma vez que poder e saber se complementam e se reforçam mutuamente – o poder opera produzindo saberes.

Assim, tem-se que a vontade de saber sobre a loucura (no campo psicanalítico) inclui, necessariamente, uma vontade de saber sobre a família: ambas são produzidas numa relação recíproca.

Finalmente, a análise do discurso psicanalítico sobre a loucura e a família tidas como objeto de saber é possível, mediante: a) a consideração do contexto histórico e das condições que tornam possível um discurso (médico/clínico) sobre o sexo e a aproximação do médico à família; b) a consideração do funcionamento do poder na produção do saber sobre o objeto, via procedimento da confissão, pelas relações de poder entre médico, psicanalista e paciente; c) a configuração da loucura como problema a ser estudado e analisado psicanaliticamente – via escuta/confissão; d) a produção da relação entre loucura e família; e) a submissão do indivíduo ao inconsciente e ao psicanalista; e f) a produção do sujeito louco e da família do louco.

Referências bibliográficas

- DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.
- FOUCAULT, M. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Trad. Eduardo Brandão.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FREUD, S. 1911. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*. In: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII.
- JULIEN, P. *As psicoses – um estudo sobre a paranóia comum*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

LEITE, S. *O desejo de Freud e a questão da psicose no campo psicanalítico*. Disponível em: <http://www.corpofreudiano.com.br/documents/sonia_leite_odesejo.doc>. Acesso em: 25 abr. 2005.

RABINOW, P. e DREYFUS, H. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

*(Recebido em setembro de 2004 e aceito para
publicação em maio de 2005)*